



APRESENTAÇÃO

Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte de sombra, a sua última obscuridade. [...] Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem [...] (Agamben, 2009).

A equipe da revista Faces da História apresenta ao público o segundo número do ano de 2018; edição que resulta, uma vez mais, do trabalho voluntário e colaborativo dos discentes ligados ao programa de Pós-Graduação em História da UNESP de Assis. Manter ativo o projeto encampado pela Faces da História, em um momento marcado por transformações de ordens diversas – muitas, inclusive, preocupantes para o futuro do país e para as atividades dos historiadores e historiadoras nacionais –, representa uma forma de luta e de resistência.

No presente número, leitores e leitoras terão acesso não apenas aos artigos do dossiê temático, mas às seções de artigos livres, resenhas e duas homenagens póstumas.

O dossiê desse semestre concentra análises voltadas para o questionamento

de representações literárias e artísticas da Amazônia. Seu objetivo está ligado à desconstrução de imagens naturalizadas, via de regra, pelas chaves do exotismo, da vida selvagem, de um paraíso tropical, entre outras. O apelo dos coordenadores do dossiê - Heraldo Márcio Galvão Júnior (UNIFESSPA), Ana Clédina Rodrigues Gomes (UNIFESSPA), Aldrin Moura de Figueiredo (UFPA) e Arcângelo da Silva Ferreira (UEA) – foi respondido por doze autores cujos debates abalizados contribuem para um aprofundamento crítico em torno desse espaço de disputa teórico-conceitual da história brasileira.

Na seção de artigos livres, os quatro trabalhos reunidos oferecem ao leitor a oportunidade de se aproximar de processos históricos diversos, fornecendo um panorama bastante atualizado de alguns dos principais temas historiográficos contemporâneos.

Em *Na estrada da terra sem mal Guarani: história, memória e cosmologia*, Rosalvo Ivarra Ortiz e Almires Martins Machado analisam as diferentes interpretações elaboradas a respeito dos deslocamentos realizados pelos grupos de origem Guarani, cujo significado cultural acabou sendo reduzido a uma reação ao processo de conquista europeia; de várias formas, o texto permite ampliar a compreensão dessa experiência relacionando-a aos sistemas culturais vigentes naquelas comunidades.

Em seguida, Ana Meyre de Moraes e Paulo Augusto Tamanini, no artigo *Imagens da violência: a morte de Tiradentes à luz da história das imagens. Apreensões e percepções*, procuram desvendar como as representações do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, presentes em uma série de livros didáticos, atuam na constituição do imaginário contemporâneo sobre a Inconfidência Mineira; os autores partem da metodologia de análise de imagens e revelam o apelo às representações violentas como marcas constituintes do imaginário nacional.

Os dois últimos artigos de fluxo contínuo revelam experiências políticas fundamentais para a compreensão do século XX. O texto *A política cultural da Secretaría de Educación Pública (SEP) e a “Educación Socialista” no México na década de 1930* aborda a política cultural desenvolvida pela SEP desde seu aparecimento no contexto mexicano pós-revolucionário até a radicalização que marcou a década de 1930. O texto também destaca a amplitude de ações dessa instituição, que, para além do meio editorial, teve influência no teatro e no cinema.

Já o artigo *O salazarismo e a PIDE: política de repressão em Angola*, de autoria de Anderson Guimarães, oferece uma narrativa que permite acompanhar o impacto do salazarismo em regiões não europeias, demonstrando como esse regime ditatorial articulou-se ao colonialismo então vigente e contribuiu para a inferiorização cultural e política de povos de origem africana.

Na seção das resenhas temos as seguintes contribuições: em *A Malinche do século XVI*, Rodrigo Henrique Ferreira da Silva analisa a obra *A Malinche dos cronistas*, trabalho que oferece uma versão interessante dos primeiros encontros entre os habitantes autóctones do México e os espanhóis no século XVI. Em seguida, no texto *A imprensa brasileira pela ótica argentina: vargas e Lula no periódicos liberais*, Thiago Fidelis analisou a obra *Prensa tradicional y liderazgos populares em Brasil*, pesquisa que teve por escopo a análise de representações de dois importantes líderes políticos nacionais na grande imprensa nacional. No texto *Discussões acerca da antiguidade*

tardia: religiões e religiosidades, João Paulo da Silva oferece um exame do livro *Religiões e religiosidades na Antiguidade Tardia*, investigação minuciosa que contribui para a compreensão desse período histórico marcado por grandes transformações.

Ao final do número, a equipe da Faces da História presta homenagens a dois professores que, infelizmente, faleceram no ano de 2018. Carlos Eduardo Jordão Machado e José Ribeiro Júnior tiveram suas trajetórias profissionais traçadas pelos historiadores José Luís Bendicho Beired e José Carlos Barreiro, respectivamente. Percebe-se a importância de Jordão Machado e Ribeiro Júnior não apenas para a consolidação e crescimento do Departamento de História da UNESP de Assis, mas também para o desenvolvimento da pesquisa histórica nacional como um todo; suas atividades acadêmicas e administrativas deixaram marcas indeléveis na memória da instituição, de alunos e de colegas.

Por fim, na epígrafe que abre essa apresentação destacam-se as palavras do filósofo italiano Giorgio Agamben, pensador extremamente preocupado com os rumos políticos do mundo ocidental ao longo do século XX e XXI. No texto citado e intitulado *O que é o contemporâneo?*, Agamben oferece uma bela lição histórica, filosófica e humana para os sujeitos que, como ele e nós, não se sentem confortáveis com as experiências que nos cercam e nos afrontam cotidianamente; o autor aponta o peso de sermos contemporâneos de nosso tempo e a responsabilidade que isso implica. Apesar das dificuldades, o autor faz um apelo para que mantenhamos os olhos fixos nas trevas do nosso tempo. Nesse momento, fazemos nossas as palavras de Giorgio Agamben.

Boa leitura a todos e todas.

Gilvana de Fátima Figueiredo Gomes

Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva

Luís Gustavo Botaro